

O PLURALISMO ECLESIAL E RELIGIOSO E A MISSIONARIEDADE SCALABRINIANA JUNTO AOS MIGRANTES

*Ir. Rosa Maria Zanchin, mscs**

“Não esqueçamos que, enquanto estamos na terra somos peregrinos a procura de uma Pátria que não é terrena.”
Beato João Batista Scalabrini

O pluralismo religioso e a mobilidade humana

Vivemos numa época de apresentações e representações do Sagrado em escalas crescentes. Tudo para mostrar a própria força e para demonstrar a própria fé. Talvez para demonstrar que essa fé ainda tem poder, louvar a Deus com maior potência de vozes de alto falantes. Este pluralismo se acentuou nos últimos anos, tanto no plano quantitativo quanto na variedade das formas. O fenômeno é mais evidente nas cidades e, com o aumento da urbanização, tornou-se ultimamente mais visível.

Os dados do último Censo reiteram a tendência de urbanização da sociedade brasileira. Com efeito, em 1980, 67% da população concentravam-se em áreas urbanas. Em 2000, esse percentual salta para 81%, correspondendo a uma população de quase 138 milhões de pessoas vivendo em áreas consideradas urbanas.

Quanto à religião, em 2000, cerca de três quartos da população brasileira declararam-se católicos e 15% identificaram-se como evangélicos. Entre 1980 e 2000, percebe-se a redução da proporção de católicos de 89% para 73% e o crescimento da população evangélica de 6,6% para 15,4%. Diante deste crescimento das diversas religiões, o diálogo religioso

* Irmã Missionária Scalabriniana. Assistente Social pela FUCMAT/ Dom Bosco/MS. Pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos, pela Universidade Candido Mendes/RJ. Coordenadora Diocesana da Pastoral dos Migrantes e Refugiados e Diretora do Centro de Acolhida ao Migrante, na Rodoviária Dom Fernando de Oliveira, de Goiânia. Membro da diretoria nacional do Serviço Pastoral dos Migrantes/SPM, do Fórum Goiano de Economia Solidária e do Movimento Nacional de Direitos Humanos pela Plataforma DhESCA Brasil. Voluntária da Rede de Educação Cidadã.

fortalece e cria consciência da missão da igreja, revelando a Salvação em Cristo e manifesta plenamente o homem e lhe descobre sua vocação.

A mídia exulta, e representantes de igrejas ou de denominações cristãs distintas entram em competição nas previsões sobre quem, na próxima vez, reunirá mais fiéis nas ruas ou nos estádios de futebol.

O nosso povo é profundamente religioso. A religião faz parte de sua vida e de seu pensamento. E neste momento histórico, a necessidade de apresentar novos produtos, o “consumo” e o mercado descobriram esse sentimento religioso e fez dele um produto. Nessa busca por “novos produtos” a serem vendidos, devemos compreender o interesse crescente do mercado em oferecer artigos, “mercadorias”, eventos e programas religiosos, transmitidos pela mídia. Esses eventos contam com a estrutura que oferece medalhas, rosários, imagens, água do rio Jordão, discos, amuletos, orações impressas, velas e outros produtos. Tudo se torna produto, tudo se pode vender. Como resultado, este fenômeno na vida urbana observa aquilo que Ricardo Mariano chama de “progressiva acomodação... à sociedade e à cultura de consumo”.¹

Outro aspecto que sinaliza este fenômeno é ligado ao *individualismo*. Muitas pessoas reduzem a religião a uma convicção interior, pessoal, a uma religião “invisível”, que abandona total, ou quase totalmente, as práticas comunitárias. Aderem a outras religiões, ou outras Igrejas Cristãs, ao quais passam a freqüentar mais de uma religião, ou ainda misturam elementos e práticas de religiões diferentes, motivados pelo espaço social, ou as condições culturais, em especial pela sua inserção ao mundo urbano. O que vem a tona nessas recentes manifestações religiosas, na maior parte dos casos situa-se muito longe da linha de Evangelização exigida e propagada pelo episcopado Latino-americano em Santo Domingo (cf. SD 23-156).²

As causas da situação atual estão presentes com o impacto da modernidade, com o processo de desagregação e desenraizamento da cultura tradicional, uma acelerada urbanização, contínuas migrações e atividades missionárias de Igrejas e “seitas”.³ Este é um grande espaço, onde muitos migrantes são acolhidos e encontram as respostas de suas indagações de fé e passam a pertencer à igreja e serem adeptos de sua doutrina.

Compartilham desta perspectiva certo imaginário cultural rural,⁴

¹ MARIANO, Ricardo. *Neo-Pentecostais, Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, p. 38.

² Santo Domingos, nº 23 a 156.

³ São movimentos religiosos que se separaram e fazem oposição aos grupos de origem. A seita crítica também a todos os demais grupos religiosos, não respeitando as diferenças de cultura e de fé.

⁴ O mundo rural, geralmente a família, a religião, o governo local e a educação... tendem a criar traços

alguns partidos totalitários de direita e de esquerda, o meio religioso de orientação pentecostal e carismática e algumas outras teorias.

Uma pesquisa feita pelo jornal de circulação, *O Popular*, na cidade de Goiânia, destaca: “A mensagem religiosa do neopentecostalismo baseia-se numa tríade: a cura, o exorcismo e a prosperidade. Segundo os pesquisadores, são igrejas autônomas e auto-sustentadas, que fazem evangelização de massa nos Meios de Comunicação”.⁵

A experiência das Irmãs Missionárias Scalabrinianas indica como a migração compromete a prática religiosa, rompe os laços entre a fé e a cultura, entre a fé e a vida, e desagrega a unidade da consciência pessoal e as próprias convicções religiosas da fé, herdada no local de seu nascimento. Podemos afirmar ainda que “as migrações são uma ocasião para exercitar plenamente os privilégios da vocação cristã, mais do que os seus deveres, a saber: a generosidade, o altruísmo e a criatividade e outros”. Muitas comunidades persistem no pensar que este fenômeno é transitório, é uma realidade de passagem e, por isso, não se comprometem com ele.

A alteridade cultural e o diálogo inter-religioso

As migrações colocam questões exigentes sobre o diálogo entre a Igreja e o Mundo, a fé e a promoção dos direitos e deveres humanos, religiosidade e secularismo, audácia no anúncio da Palavra e situações de pecado estrutural e de injustiça. No diálogo inter-religioso não se procuram apenas a compreensão mútua e relações amistosas. “Mediante o diálogo, os cristãos e os outros são convidados a aprofundar o seu empenho religioso e a responder, com crescente sinceridade, ao apelo pessoal de Deus e ao Dom gratuito que ele faz de si mesmo...”.⁶

A *Encíclica Redemptoris Missio*, bem como o documento *Diálogo e Anúncio*, reconhecem que o Espírito Santo age sem limites de tempo ou espaço, fazendo germinar as *Sementes do Verbo* nas religiões e nos esforços humanos à procura da verdade e do bem.

A igreja é, portanto, chamada a entrar em diálogo com a população migrante, diálogo que deve ser conduzido e efetuado com a convicção de que a Igreja é a via ordinária da salvação e que somente esta possui plenitude dos meios de salvação.⁷

homogêneos nos grupos sociais e/ou religiosos. A família pode transmitir, juntamente com a religião e a vizinhança, uma cultura de iguais: os filhos adotam um comportamento dos pais, dos religiosos e das ideologias sociopolíticas.

⁵ *Jornal O Popular*, de 04 de abril de 2004, páginas do Magazine, p. 7-10.

⁶ “Diretrizes Gerais da ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 1995-1998”, Doc. CNBB - *Diálogo e Anúncio*, n. 40, p. 116.

⁷ *Redemptoris Missio*, João Paulo II, n. 55 e cf. também p. 68.

No âmbito da pastoral da mobilidade, inclui vários grupos de pessoas marcadas (feridas!) pela mobilidade “forçada” ou mesmo escolhida por livre decisão: emigrantes, imigrantes, deslocados, refugiados, marítimos, ciganos e outras minorias étnicas, os turistas, os artistas do circo, os estudantes estrangeiros, os trabalhadores da estrada, dos aeroportos e dos portos marítimos. É importante entender que toda a Igreja é co-responsável pelas migrações e não continuar a delegar aos pequenos secretariados diocesanos de migrações, ou a um ou outro especialista, as respostas pastorais. As migrações fazem parte integrante da catequese, da pregação, formação e solidariedade. Essa parcela do povo de Deus desperta a dimensão missionária da igreja.

Com a mobilidade crescente entre continentes e a livre circulação, é preciso preparar bem os cristãos para que possam viver a própria fé na sua realidade social, cultural e ecumênica, diferentes daquelas onde nasceram e cresceram. Portanto, esse é o pressuposto necessário para dispor-se ao diálogo sincero, aberto e respeitoso com todos, ou ainda, “é apelo para uma conversão mais profunda de todos para Deus”.⁸

A missionariedade scalabriniana vivida em contexto de pluralismo religioso ensina que é necessário aprender a conviver com diferentes tradições religiosas, desde a própria cultura, e respeitando as diversas formas de expressões culturais, para o entendimento de suas múltiplas manifestações. Partimos da afirmação: o diálogo honesto e leal constitui o instrumento imprescindível da busca da unidade.

O decreto do Concílio Vaticano II, sobre o ecumenismo salientou o fato de que, se os cristãos não se conhecerem reciprocamente, nem sequer será imaginável alcançar progressos no caminho da comunhão, afirma a mensagem do Papa Bento XVI, ...“efetivamente, no diálogo ouvimos e comunicamo-nos uns com os outros; confrontamo-nos e, com a graça de Deus, podemos convergir com suas Palavras, aceitando suas exigências que são válidas para todos”.⁹

Neste sentido, a missionariedade compromete ao profetismo, como uma forma especial na função profética de Cristo, comunicada pelo Espírito a todo povo. Trata-se de um convite para uma abertura à alteridade, à transformação e à prática de uma Igreja acolhedora e dialogante, onde poderá fazer acontecer essa diversidade humana integrar-se ao campo da nossa fé.

⁸ *Diálogo e Anuncio*, João Paulo II, n. 41.

⁹ *Homilia do Papa Bento XVI* - Basílica São Pedro fora dos muros - mensagem de 25 de janeiro/07.

Ação missionária scalabriniana junto aos migrantes

O serviço missionário da pastoral cria os desafios de continuidade. Nós queremos através da pastoral dos migrantes, no ministério da acolhida, expressar de forma significativa a dimensão acolhedora da Igreja. Uma Igreja de diálogo, que respeita todas as diferenças, que acolhe todos os migrantes, para que não se sintam excluídos.

Uma Igreja mãe, que acolhe em seu regaço toda a diversidade que a vida traz. Uma casa onde todos possam se “sentir em casa”. Um arco Iris feito de todas as cores. A diversidade faz emergir do agente de pastoral e da missionária scalabriniana, a tarefa de ser ponte entre as culturas, a alteridade e as diversidades da migração para a inserção/inculturada, ou melhor, seguir o caminho de Cristo, que sendo Divino fez-se homem, na Encarnação, a sujeitar-se às condições culturais e sociais de seu tempo.

Indicações práticas

A história registra os planos de ação pastoral. Metodologicamente, o desafio esta na própria missionariedade de “ser migrante com os migrantes”, com eles afirmar a acolhida - solidariedade.

Em nosso contexto de Eclesialidade e de Missionariedade Scalabriniana é primordial o empenho de cultivar o espírito de diálogo ecumênico e religioso com todos, pois é uma dimensão constitutiva e irrenunciável da missão: “...que eles sejam um para que o mundo creia” (Cf. Jô 17, 21), e seguir algumas pistas orientativas:

- Saber se sensibilizar diante das pessoas e famílias. Não simplificar a complexidade do problema, mas não criar estruturas ou barreiras. E apresentar-se como uma pessoa evangelicamente “inútil”, que apenas está a serviço do irmão, a exemplo de Jesus, cultivando a esperança, a auto-estima e confiança. “Se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigiarão as sentinelas” (Sl. 126).

- Criar grupos de atenção aos migrantes na comunidade, capacitá-los à acolhida, às ações de solidariedade e de orientação aos Direitos Humanos e Legislação; se necessário, abrir-se ao diferente e ao Novo que chega ou ao que parte.

- As comunidades são chamadas ao Ecumenismo. Esta dimensão ecumênica do Novo Povo de Deus, que surge sobre a Ação do Espírito Santo, o autor do livro de Atos dos Apóstolos, enfatiza que a unidade acontece na diversidade. “Tanto Judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos apregoar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus” (Atos, 2, 11).

- A maioria da população do mundo urbano é formada por migrantes.

Estes buscam o trabalho para sobreviver, ou quem sabe sonhando com o “Eldorado”. Na cidade grande, se sentem no anonimato e totalmente isolados, sem referências, mais ainda advindos de ambientes rurais, ou de outros países. Portanto, antes de qualquer outra coisa, uma pastoral deve cuidar da hospitalidade para os que não têm rumo. É o primeiro desafio: oferecer um lar para quem não tem casa.

- A Pastoral dos migrantes deve estar incluída nos planos pastorais das comunidades, paróquias e dioceses, “pastoral orgânica e de conjunto”, a qual se destaca pelo serviço de evangelização no mundo das migrações. A igreja como um espaço de encontro e não de dispersão. “Alarga o espaço de tua tenda... a tua descendência... repovoará cidades abandonadas” (Is. 54, 2-3).

- Privilegiando a acolhida, solidariedade e a esperança, como profética, no anúncio e na denúncia da violação dos Direitos Humanos, resgate da cidadania, favorecendo orientações jurídicas, e ao mesmo tempo gerar uma consciência crítica do protagonismo do migrante na sociedade.

Sinais de determinação

Dentro de nós há força para resistir, alegria para partilhar, fé em Cristo para nos amparar, fortalecer e celebrar, compaixão para acolher os irmãos, utopias para conservar amor à Vida.

“Olhar o nosso rosto no espelho” (São Carlos Borromeo), perceber as feições de Cristo de quem nos sente muito próximos, pois ele foi tão pobre migrante, sofredor, viveu as situações angustiosas. Queremos fazer suas feições mais visíveis em nosso meio.

Não apenas de um modo teórico e abstrato, mas com uma ternura infinita, acolhendo em cada pessoa àquele que é amado por Deus e remido por Jesus Cristo. Precisamos crer e saber levar para a vida dos migrantes a celebração da Fé, da Esperança, da compreensão, da hospitalidade, para assim criar “Comunhão da Vida”, a fim de que não sejam radicados numa pátria puramente humana.

Enquanto migrantes, no caminho ao encontro definitivo entre Deus e a humanidade, acontecido em Jesus Cristo, nos impulsiona a caminhar como Igreja entre os homens e as mulheres e, Scalabrinianas Consagradas vivendo nas sociedades multiculturais e anunciar-lhes o Mistério da Comunhão Trinitária, pelo qual o diálogo entre o Pai, Filho e Espírito Santo se apresenta a nós como possibilidade e modelo de toda relação.